

LITERATURA INFANTO-JUVENIL COMO ARTEFATO NO RESGATE DE MEMÓRIAS ESCOLARES E PESSOAIS

Beatriz Gonçalves Azevedo ¹

Louise Cervo Spencer ²

Maristela Juchum ³

Uarlley Santana Santos ⁴

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade apresentar uma experiência pedagógica desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), com uma turma do 7º ano B do Ensino Fundamental, na Escola Porto Novo, localizada na cidade de Lajeado/RS, tendo como foco a literatura infanto-juvenil enquanto instrumento para o resgate de memórias escolares e pessoais. A partir da leitura da obra “O Mistério da Sala Secreta”, de Lavínia Rocha, buscou-se promover reflexões sobre identidade, afetividade, pertencimento no espaço escolar e resgatar memórias dos alunos e dos pibidianos sobre suas vivências escolares. No desenvolvimento das atividades, foi proposta a criação da “Mala de Memórias”, na qual os estudantes trouxeram fotografias e relatos que representassem momentos significativos de suas vidas. Além disso, os pibidianos compartilharam suas próprias memórias, fortalecendo o vínculo entre educadores e alunos, criando um ambiente acolhedor e de escuta ativa. Utilizada como ponto de partida, a obra literária serviu para que os estudantes se conectassem emocionalmente com suas vivências, compreendendo a importância da memória individual e coletiva. A metodologia incluiu leitura orientada, roda de conversa, atividades de escrita e apresentação oral da pesquisa sobre fotografias, além da aplicação de um formulário avaliativo com perguntas abertas e fechadas para que os alunos pudessem avaliar o trabalho desenvolvido pelos pibidianos. As questões buscavam compreender as percepções dos alunos sobre o livro, os sentimentos despertados, os aprendizados adquiridos e trazer um novo olhar às memórias. Os resultados revelaram que a literatura, quando integrada a práticas reflexivas, tem grande potencial de mobilizar lembranças, estimulando o autoconhecimento. Conclui-se que o uso de obras literárias como “O Mistério da Sala Secreta” pode ir além do conteúdo textual, tornando-se uma ferramenta para o desenvolvimento emocional e social dos estudantes, além do fortalecimento do vínculo afetivo entre a escola e os alunos.

Palavras-chave: Literatura Infanto-juvenil, Vivências, Memórias, Pibid.

1 Graduada em Licenciatura em Filosofia pela Uniasselvi, Pós Graduada em Neuropsicologia pela Uniasselvi, Graduanda em Letras - Inglês pela Universidade do Vale do Taquari, - RS, beatriz.azevedo@universo.univates.br;

2 Professora Mestre, Supervisora PIBID na EMEF Porto Novo, louise.spencer@universo.univates.br;

3 Professora Doutora, Coordenadora do Subprojeto de Letras PIBID Univates - , juchum@univates.br;

4 Graduando em Licenciatura em Letras pela Universidade do Vale do Taquari - RS, uarlley.santos@universo.univates.br;



INTRODUÇÃO

A experiência docente no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) configura espaço privilegiado de articulação entre prática e teoria, em que propostas pedagógicas inovadoras podem ser testadas e refletidas. No projeto ora relatado, realizado com alunos do 7º ano em uma escola municipal parceira do PIBID/Univates, adotou-se a leitura do romance juvenil “O Mistério da Sala Secreta” (Rocha, 2021) como ponto de partida culminando na atividade intitulada “Mala de Memórias”. A proposta procurou instrumentalizar a literatura como artefato que ativa memórias e promove a escuta favorecendo o sentido de pertencimento e criação de memórias afetivas vinculadas ao ambiente escolar e também pessoais.

A decisão por trabalhar a importância da literatura no resgate e também criação de memórias parte da compreensão de que a experiência não é meramente informativa: é vivência que transforma o sujeito. Essa ideia é sintetizada por Larrosa ao afirmar que: “É experiência aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos transforma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação.” (Larrosa, 2002, p. 25).

Nesse sentido, a literatura — quando mediada de forma sensível — pode “passar” pelos alunos e tocar seus repertórios afetivos e memórias. Complementarmente, Paulo Freire lembra que a educação é ato dialógico e emancipador: “Ninguém educa ninguém; ninguém educa a si mesmo; os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” (Freire, 1970, p. 34).

Assim, considerar a literatura como experiência significa reconhecer que as histórias literárias podem tocar o sujeito e transformá-lo, (trans)formando-o em sua subjetividade. Esse é o combinado feito no âmbito deste artigo, literatura aqui, é sinônimo de experiência. Arendt (2018) complementa essa ideia ao afirmar que “a educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele”. Nesse sentido, envolver os alunos em leituras que dialogam com sua própria realidade escolar é também um gesto de amor pelo mundo, ao mesmo tempo em que lhes apresenta a autoridade do passado





escolar sob nova luz. Montessori (2019) corrobora com esse pensamento ao lembrar que a criança é um “pequeno explorador do mundo” e que sua mente absorve inconsciente e conscientemente aspectos do ambiente. O presente artigo visa mostrar como a literatura juvenil e as atividades pedagógicas criativas promovem a constituição da memória escolar e pessoal dos educandos, compreendendo a educação como dimensão transformadora.

A partir dessas referências, o projeto objetivou criar condições para que os estudantes se apresentassem como sujeitos e protagonistas de suas histórias, produzindo sentidos a partir da interação entre texto literário, objetos de memória e relatos pessoais.

METODOLOGIA

O presente trabalho, segue a proposta de pesquisa-ação qualitativa na escola básica, articulado ao projeto desenvolvido no âmbito do PIBID. Realizado no primeiro semestre de 2025 com uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental em escola municipal parceira - Porto Novo - da instituição Univates. Como pibidiana estive presente em

] diversas etapas do desenvolvimento da sequência didática, cujo planejamento foi realizado em conjunto pelos integrantes do Subprojeto Letras. A seguir, apresento-as:

(1) Apresentação e leitura compartilhada coletiva do livro “O Mistério da Sala Secreta” (Rocha, 2021), promovendo debates guiados sobre o enredo e as memórias evocadas pelas narrativas da e na escola (a cada quantitativo específico de páginas, algumas questões disparadoras eram dispostas no quadro, a fim de incentivar nos discentes reflexões acerca da obra literária);

(2) Todos - pibidianos, alunos e professora - foram provocados a trazer uma imagem ou artefato que remetesse à memória escolar, iniciando a apresentação pelos pibidianos, em seguida, foi a vez dos alunos e, ao final desta enriquecedora roda de conversa, foi proposto a cada aluno fazer um desenho de sua memória;

(3) Aula expositiva sobre o gênero textual memórias literárias, na qual houve uma recapitulação dos conhecimentos prévios dos alunos e, posteriormente à explanação houve uma conversa reflexiva com a turma a fim de compreender o que foi internalizado do seguinte exposto e produção textual acerca das memórias externalizadas dos estudantes;





(4) Produção da “Mala de Memórias”, atividade em que cada aluno trouxe objetos ou relatos de memórias pessoais e escolares relevantes para si, e registrando-os por escrito ou utilizando os desenhos criados a partir da produção textual anteriormente realizada, por fim plastificados e recortados, foram utilizados como ornamentação da “Mala de Memórias”.

(5) Conversa sobre a importância da fotografia e dos diários para manter e acolher as memórias e poder passá-las e revisitá-las quando apenas a mente sozinha não mais conseguir fazer esse papel e, com base nisso, os discentes foram desafiados a fazer pesquisas sobre os temas abaixo citados:

- A evolução da fotografia;
- Fotografia e memória familiar;
- Fotografia jornalística;
- Selfies e Redes Sociais;
- Fotografia artística.

(6) Apresentação em slides das pesquisas realizadas por cada grupo, contendo:

- Introdução
- Desenvolvimento
- Curiosidades
- Conclusão

Cabe aqui salientar que um dos discentes tornou o momento da apresentação ainda mais único ao trazer uma máquina fotográfica de seus avós, a que se deve dizer, era bem antiga, transformando uma simples apresentação de slides em uma experiência para todos nós enquanto sujeitos envolvidos na execução desse projeto.

(7) Ao final das apresentações, pibidianos montaram uma série de questionamentos aos estudantes, desde a obra literária, ao impacto que essa leitura teve em suas perspectivas enquanto estudantes, até às atividades dos pibidianos, e sendo respondido, foi possível fazer uma análise através desses dados sobre a importância da literatura e seu impacto na vida dos alunos, ao ser utilizada de forma sensível e, principalmente, em consonância com o ambiente a que os mesmos estão inseridos.





Foi possível perceber durante as etapas realizadas as ideias de Montessori sobre a liberdade de expressão e ambiente preparado, permitindo que as crianças explorassem livremente suas lembranças (Paschoal; Machado, 2019, p. 207). A atuação docente incorporou a visão de Arendt(2002) de professor como guardião do passado escolar, introduzindo memórias coletivas aos recém-chegados de forma respeitosa. Ao mesmo tempo, aplicou-se o conceito de experiência educativa de Larrosa (2002) – um sujeito aberto a ser transformado pelo que lhe acontece – estimulando os alunos a vivenciar plenamente as histórias lidas e a documentação de suas memórias.

A referência à literatura de Lavínia Rocha surge no planejamento didático: seu livro juvenil foi escolhido por retratar personagens do 7º ano que investigam a história de sua própria escola, tornando o conteúdo imediatamente conectado à vivência dos estudantes. Dessa forma, a metodologia aproxima teoria e prática - dois termos indissociáveis- utilizando a obra literária não apenas como leitura isolada, mas como artefato que ativa a memória e a experiência do aluno.

Essa atividade concretiza a noção de literatura como artefato de confecção - por confecção invoca-se o sentido denotativo e conotativo da palavra - e resgate de memórias, inspirado na pedagogia profana de Larrosa (2002), em que o educando é sujeito de sua própria experiência e, orientadas também pelo pressuposto montessoriano de respeitar o ritmo individual de cada criança e de prover um ambiente rico e motivador. O documento resultante de anotações da pibidiana, registros fotográficos dos objetos, desenhos e respostas atribuídas ao questionário, serviu de base para análise qualitativa dos efeitos educativos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Larrosa (2002) propõe pensar a educação a partir do par experiência/sentido Para ele, a experiência verdadeira não é mera acumulação de informações, mas “aquilo que nos acontece” e nos transforma. Mas não se limita a isso conforme segue:

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras





o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso. Todo mundo sabe que Aristóteles definiu o homem como “*zôon lógon échon*”. A tradução desta expressão, porém, é muito mais “vidente dotado de palavra” do que “animal dotado de razão” ou “animal racional”. (Larrosa, 2002, p. 21)

Entretanto, em um ambiente escolar hiperinformado, Larrosa alerta para a necessidade de momentos de interrupção contemplativa que propiciem a experiência reflexiva para que o verdadeiro pensar ocorra. Nesse quadro, a atividade de contar histórias e de rememorar vivências pessoais cria um espaço de abertura subjetiva: cada aluno se torna um “território de passagem” para a experiência literária e cultural.

Portanto, a literatura infanto-juvenil funciona como mediadora de experiências vividas: os textos ajudam o sujeito a se dar tempo e espaço para sentir, lembrar e narrar (Larrosa, 2002). Ao serem convidados a narrar suas próprias aventuras tal qual Júlia e Gabriel na Sala Secreta, ou suas próprias memórias e/ou vivências escolares como e com os pibidianos em uma roda de conversa, os faz vivenciarem a aprendizagem como experiência significativa, ampliando sua capacidade de dar sentido às memórias.

Valorizando a transmissão de tradição no processo educativo, Hannah Arendt (2002) afirma que “a educação deve se voltar inevitavelmente para o passado”, pois cabe aos adultos apresentar às crianças o mundo existente antes da sua chegada. Nesse olhar, a escola funciona como ponte entre as gerações: o professor exerce “respeito extraordinário ao passado”, conduzindo o novato aluno pelo legado cultural já acumulado. A leitura de Lavínia Rocha dialoga com esse princípio ao trazer à tona uma história que se passa em uma escola. Ao fazer isso, não se trata de isolar as crianças no mundo infantil, mas de valorizá-las como portadoras de uma novidade (suas memórias pessoais e escolares) que deve ser introduzida no “mundo velho” da cultura escolar. Além disso, Arendt enfatiza que educar é assumir responsabilidade pelo mundo tendo cuidado pelo legado coletivo. Nesse contexto, brincar de historiadores infanto-juvenis, como faz Lavínia em sua narrativa, estimula nos alunos o amor pelo mundo e pela história local – “os novos e os jovens” promovem a renovação do mundo por meio da memória dos antigos.

Maria Montessori contribui para esse referencial ao reconhecer que a infância e a pré-adolescência são fases de crescimento intenso, em que a criança funciona como “mente





absorvente” do mundo (Paschoal; Machado, 2019). Nos 6 aos 12 anos, período intermediário descrito por Montessori, o aluno torna-se mais receptivo às aprendizagens culturais e científicas. A memória, nesta fase, é uma faculdade que auxilia a criança a interagir com seu meio, utilizando os conhecimentos anteriores como alicerce para novas aprendizagens. Assim, ambientes que respeitam o ritmo da criança, incentivam sua curiosidade e liberdade – como a montagem da “Mala de Memórias” – ampliam suas faculdades intelectuais e afetivas. Montessori também ressaltava a importância de materiais sensoriais e narrativos para fixar aprendizagens; ao utilizar o livro de Lavínia (que combina suspense e contexto histórico) e objetos pessoais na sala de aula, o professor empodera o aluno como protagonista de seu desenvolvimento. O tripé atividade-individualidade-liberdade montessoriano se manifesta quando cada estudante tem liberdade para escolher quais memórias registrar, individualizando seu projeto de aprendizagem e tornando-o ativo no processo.

A obra *O Mistério da Sala Secreta* traz um enredo em que crianças do 7º ano (Júlia e Gabriel) investigam um mistério em sua escola. Lavínia Rocha, ao ambientar a narrativa em torno de um lugar - escola - e personagens - também do 7º ano - cria um artefato literário que remete diretamente às vivências do leitor. Essa estratégia aproxima o texto do cotidiano dos alunos, facilitando a identificação e o surgimento de memórias pessoais. Na perspectiva de Arendt, a obra de Lavínia introduz elementos do “nosso mundo” (a história escolar) ao mundo novo das crianças. Do ponto de vista montessoriano, a leitura se torna uma atividade sensorialmente rica e motivadora, levando o leitor a explorar seu ambiente e suas emoções. Larrosa ajudaria a interpretar essa atividade como criação de uma experiência estética coletiva: ao ler a narrativa e partilhar memórias, alunos e professora criam “palavras” juntos – um ato criativo de dar sentido às experiências – em vez de apenas decoreba de conteúdo (Larrosa, 2002). Por fim, Lavínia Rocha incorpora na trama a ideia de que as crianças têm capacidade de produzir algo novo; seus personagens são criativos e ativos, espelhando a visão de Arendt de que cada criança traz consigo potencial revolucionário que deve ser preservado e orientado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar os registros de campo, a mala de memórias e as falas dos alunos, revela-se que, a experiência literária, mediada segundo o referencial acima, de fato suscitou o resgate de lembranças e a reflexão sobre elas. Os alunos demonstraram engajamento ao perceber





conexões entre o enredo do livro e suas rotinas escolares, entre a proximidade das memórias afetivas criadas e entrelaçadas ao longo do projeto entre os alunos e os pibidianos. Conforme relato de um dos alunos ao serem questionados sobre como sentiram-se ao ouvir as memórias dos colegas e pibidianos: *“Me senti emocionado e surpreso porque eu não lembraria e nem saberia explicar muita coisa de uma memória que tinha me marcado. Saber explicar um pouco mais não saberia que nem os pibidianos.”* Ao que segue o depoimento de outro aluno: *“Senti que as memórias de todos, eram muito importantes e carregavam muitos sentimentos.”*. Esses relatos ilustram o que Arendt propõe: a ativação da história passada (personagem histórica e lenda local) no presente dos aprendizes. A leitura de Lavínia funcionou, assim, como dispositivo para que o “nosso mundo” (a escola) fosse introduzido na experiência da classe, permitindo que os alunos se posicionassem como herdeiros críticos desse legado.

Montessori (Paschoal; Machado, 2019) enfatiza que, entre 6 e 12 anos, as crianças ampliam sua sociabilidade e costumam trazer exemplos de seus lares para a escola. A dinâmica da mala de memórias explorou isso: cada aluno pôde compartilhar itens – como fotos, brinquedos e/ou textos – que tinham valor afetivo ou histórico para ele. Observou-se que o ato de selecionar, desenhar e falar sobre esses itens gerou entusiasmo: a pesquisa sobre fotografia identificou risos, curiosidade mútua e olhares de cumplicidade entre os colegas. Na linguagem de Larrosa (2002), houve uma verdadeira abertura ao acontecimento literário e educativo – cada objeto apresentado “tocava” os outros alunos, formando-os pela experiência compartilhada. A exemplo, temos a fala de um aluno: *“A leitura do livro me ajudou a valorizar minhas memórias escolares e a passar momentos bons com meus colegas e amigos.”*; outro aluno mostrou um desenho que fez de sua antiga escola; em cada apresentação, o grupo reagia discutindo memórias em cadeia. Essas trocas são a materialização do sujeito da experiência como “terreno de passagem” (Larrosa, 2002): as histórias individuais de cada estudante foram acolhidas pelos demais, deixando vestígios no coletivo da classe.

A atuação docente foi crucial para mediar esse processo de transformação. Inspirando-se na terceira tese arendtiana, segundo a qual educar é zelar pelo mundo transmitido, o respeito e a valorização de cada memória compartilhada foram centrais. Ao ouvir pacientemente as narrativas, fortaleceu-se a autoridade do currículo tradicional combinada à liberdade de renovação em cada criança. Esse equilíbrio conservador-transformador transmite



diretamente a visão de Arendt (2002): proteger tanto a criança quanto o “mundo comum” que lhe é entregue.

Nota-se que o procedimento rompeu com a visão de ensino centrado apenas na informação (conhecimentos datilografados). Segundo Larrosa (2002), os estudantes se afastaram do papel de “sujeitos da informação” para tornar-se sujeitos passivos e receptivos ao que a história proporcionava. Em vez de apenas decorar datas e fatos, eles sentiram que “algo lhes aconteceu” através da literatura. Observou-se, por exemplo, que alguns trouxeram à tona memórias afetivas (como brincadeiras feitas com os irmãos) que antes não tinham espaço nas aulas tradicionais de história. Esse deslocamento para um aprendizado orientado pela experiência se alinha à pedagogia de Montessori, que considera os estímulos externos – neste caso, a história lida e os objetos memorizados – determinantes para o desenvolvimento integral da criança. Em resumo, os resultados indicam que os objetivos propostos (relacionar literatura à memória e fortalecer identidade escolar) foram alcançados, confirmando a relevância das estratégias utilizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intervenção “Mala de Memórias”, realizada no âmbito do PIBID/Univates, demonstrou que a literatura infanto-juvenil pode servir como artefato potente para o resgate de memórias escolares e pessoais, favorecendo desenvolvimento linguístico, fortalecimento de vínculos e reconhecimento identitário. Integrando perspectivas teóricas de Larrosa (2002), Arendt (2002), Freire (1996), Montessori (2019) e Rocha (2021) evidenciou-se que práticas literárias produzem efeitos tanto afetivos quanto cognitivos.

Mais do que recuperar o passado, a atividade permitiu reconstruir o presente da sala de aula como espaço de pertencimento e ação coletiva. A escola mostrou-se capaz de acolher vozes diversas e de promover processos de humanização que resultam em aprendizagens significativas. Em última instância, o projeto reafirma a noção de que ensinar é oferecer condições para que o sujeito seja tocado, aprenda a narrar sua história e transforme o mundo que habita — um princípio que é ao mesmo tempo ético e humano.

Cada aluno, ao narrar sua própria história reescreve o mundo - e é nesse gesto de palavras e memórias entrelaçadas que a educação se revela enfim, cumprindo seu papel mais



humano - (trans)formando-o.



REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, Brasília, n. 19, abr. 2002.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. **A pedagogia de Maria Montessori para a educação na infância**. Quaestio: Estudos em Educação, Londrina, v. 21, n. 1, p. 203–220, jan./abr. 2019.

ROCHA, Lavínia. **O Mistério da Sala Secreta**. São Paulo: Grupo Autêntica, 2021.

